

A n t ó n i o J o s é F o r t e

CALIGRAFIA  
ARDENTE

CALIGRAFIA  
ARDENTE



HIENA EDITORA

CALIGRAFIA ARDENTE



# CALIGRAFIA ARDENTE

António José Forte

  
HIENA EDITORA  
Aparição 2481 1112 LISBOA CODEX

Título  
**CALIGRAFIA ARDENTE**

Autor  
**ANTÓNIO JOSÉ FORTE**

Desenho original de  
**ALDINA**

Capa de  
**AUGUSTO T. DIAS**

© de António José Forte

Tiragem de 1000 exemplares  
Lisboa, Agosto de 1987

## PREFÁCIO

Ao nível do mar  
como o nome da flor do vinho  
murmurado entre relógios de carvão  
escrito devagar na cal do silêncio  
como o lençol de púrpura  
no peito dos amantes  
de costas para a morte  
ao nível do mar  
como um cardume de palavras cintilantes  
no horizonte de cinza e de pavor  
como um cavalo branco toda a noite  
de estrela para estrela  
ao nível do mar  
como a flor que se abre na boca dos suicidas  
um homem  
ferido de morte  
vai falar

## CANTO

O canto da velha toupeira  
audível nos intervalos do terror  
leite dos sonhos esse murmúrio no sangue  
que a dor do lado do mistério  
causa ao homem quando atravessa a terra  
essa rosa por explodir de amante em amante  
no coração do mundo  
esse pranto à flor da pele  
e debaixo da língua  
numa girândola de pétalas sem fim  
de todas as cores do universo  
à hora do lobo no relógio da morte

o canto da velha toupeira  
quando a lava dos séculos  
se abre num relâmpago de chuva ardente  
desfolhada na cabeça da esfinge solitária  
sob um silêncio azul de aves doidas  
quando uiva nos ouvidos famintos  
e trespassa a solidão do fígado  
pedra a pedra até à última pirâmide  
de corredores de espelhos lentos  
um rosto à esquerda outro rosto à direita  
e um país desconhecido e belo  
muito alto no centro

quando as lágrimas da memória  
atravessam de súbito o horizonte  
para além do cadáver das fronteiras  
até à luz que nasce de um oceano  
contra a luz doutro oceano maior  
quando rebenta em sílabas de soluços  
na boca dos que jazem para sempre soterrados  
sob as estátuas negras dos heróis  
sem nunca ter escrito o nome  
e cegos surdos e mudos  
são milhões de fantasmas

quando na orla da sombra dos patíbulos  
se erguem labaredas de náusea  
até ao vômito da cólera  
e dentes de pavor mordem o ar em volta  
num círculo de cal viva  
quando entre estandartes brancos um pão negro  
se ilumina como um tambor embandeirado em arco  
nos braços nus através da paisagem  
de lâmpadas sonâmbulas  
e árvores de asas de fumo florido  
entre clarões de neve

quando o sono da paixão engendra monstros  
de olhos abertos de pupilas podres  
que devoram as cores do arco-íris  
quando flutuam plumas  
que se inclinam sobre a muralha da china  
e uma grinalda de mastros cintilantes  
não é um cometa no deserto  
mas a lenta cabeleira violenta  
das grandes coisas inauditas  
sussurradas como um fio de sangue  
de letras de fogo na garganta

quando a razão de horror de cada dia  
distribuída entre bandeiras triunfantes  
é saudada pelos ministros da morte  
quando oriente após oriente  
para além da peste  
surge em grandes ondas caligráficas  
o mapa do mundo dos jardins suspensos  
na rosa de todos os ventos  
desfolhada na órbita do tempo  
cada pétala uma asa  
cada asa um oceano sem nome

o canto da velha toupeira  
ondulante entre o diálogo dos mortos  
na cinza das pátrias destruídas  
em troca de uma estrela e outra estrela  
até à constelação chamada sempre a idade de ouro  
e ilha da reunião de todos os desejos  
e do amor único e louco  
até à grande maravilha do princípio  
das mil e uma noites sem fim  
numa nuvem de sangue muito doce  
erguida à altura da paixão dos olhos  
perdidos no infinito

## MAR DE NINGUÉM

No mar de ninguém  
o navio fantasma e a sua hélice de sangue  
à distância de um tiro  
onde é a entrada abrupta dando para o torso adolescente  
o de sempre quando é preciso procurar uma passagem  
entre fios esticados de garganta a garganta  
e um tambor estilhaçado à altura do peito

## OS MEUS AVIADORES

No ano primeiro do fim da melancolia  
enquanto os dias e as noites se devoram  
é por mim que escrevem os aviadores  
com a minha letra solitária  
sobre a multidão no deserto

podem ler quando eu passo  
despido de trevas

é a caligrafia da serpente  
das praias do tempo da minha infância  
onde amanhece  
quando faço o gesto de matar

posso mandar os meus aviadores escrever  
quando passarem sobre os Pirenéus  
ao lado da fome da multidão no deserto

no avião mais alto que vai explodir  
voa a minha angústia

podem ver  
na linha do horizonte  
uma asa de sangue contra o rosto  
a minha máscara de amante  
de braços sobre a terra

sou eu à espera dos meus aviadores

## GRANDE ÉCRAN

No grande écran  
a festa do homem lobo do homem  
e a sua mulher de bicicleta  
até que um século de furor  
abra a cratera donde irrompe o rosto do poeta  
as suas mãos borboletas gigantes  
os seus pés peixes voadores  
a sua boca asa de fogo branco  
e outro século  
erga a pirâmide de palavras  
que se derramem docemente  
de anel em anel  
até o último século

## MEMÓRIA

A flor da terra a flor de fumo  
dos meus cigarros adolescentes  
fumados amorosamente entre fantasmas

desse tempo  
os meus pulmões que dançam  
os meus olhos de desobediência civil  
fascinados  
que saúdam o arco histórico do desejo

o meu nome que flutua  
na orla do furor

desse tempo  
uma paisagem de nuvens inventadas  
para as minhas aves altíssimas  
suspensas sobre a morte

chuva do princípio do mundo  
escrita na minha pele  
com a língua das tempestades

todas as ruas secretas  
por onde não passa  
o manequim de patas de alcatrão  
devorador do ar

eu beijei o crânio azul da noite  
ajoelhado numa bandeira ardente  
entre a bela e o monstro  
dormi entre frases imensas e bárbaras  
e puríssimas  
pronunciadas pelo mistério

desse tempo  
uma onda de silêncio deslumbrante  
onde voam flores negras  
quando anoitece do lado do amor  
e um homem com passos escarlates  
que atravessa o nevoeiro

agora a sombra no meu peito  
de um avião que passa  
à velocidade da erupção dos teus cabelos  
quando amanhece neles

como uma coroa de versos  
na estátua jazente do único  
a cabeça voltada para o lado intelectual da morte  
os olhos muito abertos para o pranto de súbito  
todos os nus uma criança incluída  
presos por um fio de sangue  
definitivamente às estrelas  
e a minha assinatura do fígado sobre as águas

em vez do meu nome leiam  
Mil Crimes de Amor numa torre de marfim

eu sei  
uma pequena multidão petrificada  
ameaça escurecer os rostos os mais belos  
é ela que avança contra os relógios de sol

eclipse total se não há  
espelhos para as insónias negras  
se não há para a biografia completa do homem  
um grande amor da cama à música das esferas  
passando por um tremor de terra

## O NOME

Veio do outro lado do mar  
pronunciado pelo fogo  
e jaz nos jardins suspensos sobre a morte  
como um vômito do coração  
o nome podre de ninguém

## ASSINATURA

Entre lágrimas de crocodilo  
o homem com gestos de lava  
que aponta o local do crime  
todas as manhãs  
e eu despido de rosas  
subo a escada de caracol da morte  
para ir deixar na tua pele a assinatura bárbara  
com a caligrafia trémula todas as manhãs  
e todas as noites de terror  
entre a música dos astros

## ÍNDICE

<i>Prefácio</i> . . . . .	7
<i>Canto</i> . . . . .	9
<i>Mar de ninguém</i> . . . . .	13
<i>Os meus aviadores</i> . . . . .	15
<i>Grande écran</i> . . . . .	17
<i>Memória</i> . . . . .	19
<i>O nome</i> . . . . .	23
<i>Assinatura</i> . . . . .	25

COLEÇÃO

IDEIAS E ATITUDES

- 1 — Fêmea, Angra de Felicidade  
RUI ANDRÉ DELÍDIA
- 2 — Dia a Dia Amante  
ANTÓNIO JOSÉ FORTE
- 3 — A Procura do Silêncio  
ERNESTO SAMPAIO
- 4 — As Magias  
Versões de HERBERTO HELDER
- 5 — O Pó. Verbo da Loucura e de Deus  
AUGUSTO T. DIAS e RUI ANDRÉ DELÍDIA
- 6 — Variações em Sousa  
FERNANDO ASSIS PACHECO
- 7 — Caligrafia Ardente  
ANTÓNIO JOSÉ FORTE

Execução gráfica  
da  
TIPOGRAFIA LOUSANENSE, LDA.  
Lousã — Agosto/87  
Dep. legal n.º 16548/87

COLECÇÃO

IDEIAS E ATITUDES